

SALA DE AULA: ESPAÇO DE REVELAÇÕES

PROVA: PONTO DE REFLEXÕES

Este não é o relato de uma experiência planejada: é um depoimento de como o asséptico quadrado de rostos enfileirados - a sala de aula - torna-se, de repente, um espaço de revelações e a "prova", um ponto de reflexões.

E, também, de como os chamados veículos de comunicação podem colaborar para compor e ampliar estes momentos.

O registro que passo a narrar ocorreu durante uma aula sobre a Primeira Guerra. A classe toda estava muito atenta, já que o tema seria matéria de prova mensal. Todos ouviam as explicações teóricas e os acontecimentos que levaram os países europeus a deflagarem uma guerra. Tudo transcorria normalmente quando Daniel, sentado em frente à mesa do professor, com as mãos segurando o rosto e com os olhos muito interrogativos, me perguntou o que era uma trincheira. Estranhei um pouco a pergunta mas me esforcei para responder, mostrando fotos e gravuras sobre guerras e trincheiras. Continuei a exposição do tema quando fui novamente interrompida pelo aluno que me disse: "Professora, eu ainda não entendi". Respondi-lhe então com outra pergunta: "Como não compreendeu? Você nunca viu filmes sobre a Primeira Guerra?". Não, foi sua resposta, e continuou: "Sabe, professora, o que eu não consigo é imaginar uma guerra onde os homens ficam parados, esperando dentro de valas, de trincheiras...". Quando eu tentei argumentar, percebi o que na verdade estava em questão. Aquilo que para nós é óbvio, para aque-

A AUTORA

Maria Ignês Carlos Magno
Pós-graduanda da ECA-USP e
professora de História das
Escolas Pacaembu e Externato
Madre Alix, em São Paulo.

la geração que estava à minha frente - para aqueles adolescentes que acompanharam pela TV uma guerra anunciada, que juntamente com a CNN fizeram contagem regressiva até o espetacular ataque americano sobre o Iraque; que assistiram a uma "guerra *videogame*", para usar uma expressão de Subirats¹, onde o embate técnico deixou uma aparente ausência de sangue - a Primeira Guerra, com suas trincheiras, aparecia como algo incompreensível, como pré-história.

SINTONIA COM A HISTÓRIA ATUAL

Naquele instante, percebi que não só a História e os tempos são outros, como

as formas e os meios que usamos para transmitir conteúdos precisam estar em sintonia com as vivências e experiências históricas atuais.

Só assim o passado pode ser compreendido e, na medida em que é recuperado e redimensionado, transforma-se, juntamente com o presente, em ponto de reflexões e indagações.

Dentro desta perspectiva, passei a vislumbrar a prova como um momento de aprofundar conteúdos e conceitos, como uma possibilidade de articular fatos, a visualização destes fatos através de filmes (não perdendo aqui a noção de que os mesmos são leituras e interpretações particulares da realidade) e de textos teóricos.

Evidentemente que, para uma prova desta natureza, o tempo e a forma foram reelaborados e os objetivos muito bem definidos.

Do ponto de vista do conteúdo programático, o objetivo básico era perceber as relações existentes entre o Neocolonialismo e o Imperialismo das grandes potências européias do século XIX com a Primeira Guerra.

Mudava, no entanto, o enfoque essencial que passou a ser prepará-los para posteriores discussões sobre um tema que quase nunca aparece nos livros didáticos - a Guerra em si. Além dos significados que têm para os governos, para as nações imperialistas, decidimos fazer, no decorrer do 2º semestre, uma série de leituras e debates sobre as várias guerras e, principalmente, o que provocam no ser humano.

A prova então foi organizada em vários momentos:

1. Num primeiro momento, contavam questões específicas referentes ao livro/texto e o objetivo era assegurar o mínimo de informações para que pudessem continuar a prova.
2. O segundo momento da prova foi de leituras e interpretações de textos, fatos e autores. Quatro foram os textos escolhidos e, para cada um, obje-

1. SUBIRATS, Eduardo. **Vanguarda, Mídia, Metrôpolis.**

Tradução de Nilson Moulin. São Paulo, Editora Studio Nobel, 1993.

tivos específicos que favoreciam o momento seguinte, que foi o de ver os vídeos.

O primeiro texto usado foi **Quem é quem no Século XX**, da Profa. Maria de Lourdes Janotti, e a idéia central era ampliar o conteúdo do livro/texto. Sobre este texto cinco questões foram propostas. Já o texto 2, **O Legado do Imperialismo**, de Perry Marvin, e o texto 3, **A Era dos Impérios**², de Eric Hobsbawm, foram utilizados no sentido de possibilitar, de um lado, uma leitura não apenas factual e didática dos acontecimentos, e de outro, uma discussão com o livro/texto quanto às posições teóricas dos autores sobre o Imperialismo e as causas da Guerra. O quarto texto era o trecho de uma história de vida e neste ponto entraram o Cinema e o terceiro momento da prova.

Os filmes apresentados para os alunos foram: **Nada de Novo no Front**, de Lewis Milestone (1930); **Glória Feita de Sangue**, de Stanley Kubrick (1957); **Johnny Vai à Guerra**, de Dalton Trumbo (1971) e **Adeus à Inocência** (versão atual de **Nada de Novo no Front**).

OS FILMES E A PROVA

Ficou em aberto como fariam para assistir aos filmes.

Sugeri que vissem com os amigos, familiares ou como bem quisessem, uma vez que o importante seriam os debates, as conversas, as leituras e, principalmente, a redação em torno do tema proposto:

relacionar um dos filmes com o texto 4 (a história de vida) e fazer uma análise dos danos morais da guerra.

Os filmes tiveram basicamente dois objetivos: mostrar a eles uma guerra de trincheiras e ser ponto inicial do debate sobre a Guerra e seus significados. Os filmes foram pensados não só como veículo de representação do fato como ocorreu, mas como elaboração e representação de aspectos de uma realidade vivenciada.

O cinema, ao abordar através de imagens e de uma linguagem que lhe é própria fatos e acontecimentos de uma realidade, elabora e permite significativas leituras dessa realidade.

Não posso dizer que fui bem recebida pelas classes quando apresentei a eles uma prova dessa proporção. Quando viram a lista de filmes, então, foi um horror! Assistir a filmes antigos, sobre guerra, e de História! Essa foi a reação imediata. "Democraticamente" falei que seria isso mesmo mas que teriam dez dias para concluí-la, com exceção da primeira parte, que deveria ser feita em classe. Aceitaram torcendo um pouco o nariz.

Depois de uma semana, já estavam todos mobilizados e mobilizando familiares atrás das fitas e das videolocadoras que dispusessem dos filmes pedidos.

2. HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

Sempre apavorados em fazer o trabalho porque se chamava *Prova* e preocupados em não perder nota, saíram aos grupos vendo filmes e elaborando textos.

Alguns pais acabaram entrando na história e revendo marcas de suas gerações. Discutiram com seus filhos, participaram do trabalho, o que achei fabuloso, porque são gerações cruzando olhares, sensações, interpretações e vivências - exercício difícil nos dias atuais. Faziam de tudo, cercavam-me no corredor, conversavam sobre os filmes "errados" a que assistiram, discutiam, contavam histórias, expressavam emoções. Só não percebiam ainda o quanto estavam crescendo e ampliando leituras e horizontes. E eu me divertia e em silêncio pensava nas palavras de um pai de aluno: "Já registram, Ignês, algum dia eles vão buscar e reelaborar tudo isso".

"DOCE E HONROSO É MORRER PELA PÁTRIA"?

Os resultados foram, na grande maioria ótimos, alguns excelentes até.

A maior parte dos alunos acabou vendo *Johnny Vai à Guerra* e *Adeus à Inocência* (versão atual). Confessaram tristezas, reproduziram falas, fizeram belíssimas análises

e pensaram que a prova terminou.

Não sabem ainda que a continuidade dela terá como ponto de partida a frase que mais os impressionou e que colocaram no trabalho: "*Doce e honroso é morrer pela Pátria*". Afirmação que será transformada em ponto de interrogação a partir da qual pretendo discutir outras guerras e seus múltiplos significados. Pretendo, também, apresentar para eles o texto **A Guerra como Obra de Arte**, de Eduardo Subirats.

Para finalizar, gostaria de esclarecer que,

se este trabalho partiu de uma situação espontânea de sala de aula, sem ter sido previamente planejado, não significa e nem afirma que não devam existir trabalhos em que os meios de comunicação façam parte dos mesmos.

Meu intuito foi narrar uma experiência, mostrar como o espaço sala de aula pode apresentar situações enriquecedoras e também como os veículos de comunicação colaboram e ampliam tais momentos.

Gostaria de expor, em linhas gerais, que, ao contrário do acima relatado, o próximo trabalho, a ser desenvolvido no próximo semestre, será por inteiro planejado. Terá como conteúdo programático "A

República Oligárquica" e como tema "Os Movimentos Messiânicos e o Milenarismo no Início do Século". Para este trabalho, os grupos, os textos e principalmente os filmes foram rigorosamente selecionados e construirão o fio condutor dos Seminários Conjuntos (todas as 8^{as} séries juntas).



EXTERNATO MADRE ALIX

Nome Estrela Conceição de Lameira

Data 10/06/94

Classe 8^ªA

Nº 6

Prova de História (continuação)

trabalho sobre o filme da 1^ª Guerra Mundial
filme
♦ GALLIPOLI
diretor: Peter Weir
ano 1981
atores principais Mel Gibson e Mark Lee

Resumo: O filme é um relato pungente daquela
mal sucedida campanha militar em Gallipoli, no
ano de 1915, e de seus combates. É também a his-
tória de dois jovens heróis australianos, Archie e
Frank, que cruzaram continentes e mares, escala-
ram picos nevados, andaram pelas areias do Egito e
pelo deserto distante até encontrarem seus destinos
em Gallipoli na época da 1^ª guerra mundial.

Na manhã de 25 de abril de 1915 a sang-
renta batalha entre a unidade militar Australia-
na e os turcos em defesa de Estreito foi uma arma-
dilha para as forças australianas onde morreram
milhares de jovens, inclusive o Archie, o melhor
corredor de 100 metros da Austrália.

Questão 4

Em qualquer tempo a perda de vidas huma-
nas é lastimável, seja na guerra, na violência urbana
ou por doenças, a morte é sempre triste.

A guerra porém traz a morte a milhares de
pessoas e muitos jovens entram na guerra, sem
saber sua causa.

A luta em Gallipoli, por exemplo, fez 7094 mor-
tos e deixou 20 mil feridos pois os australianos fi-

resumir
figura
inferno
no filme

cararam entrencheados por Prussis, alguns morreram por doenças e os outros nos batalhas, porém o mais chocante era que desses jovens mortos um quinto não tinham ainda 21 anos e seizeram recrutados por suas habilidades sem levar em conta a idade real. A primeira guerra mundial se caracterizou pelas combates em trincheiras que eram lentos e deixavam as pessoas a deriva do tempo, sujeitas a intempéries e que causavam muitas doenças que minavam a resistência física e psicológica do combatente.

As perdas materiais não se resumem só na destruição do país mas também no atraso do desenvolvimento econômico e cultural dos povos que ao invés de estar trabalhando para o país estavam lutando.

A grande tragédia humana, um disse um grande pensador foi "que o homem aprendeu controlar a natureza antes de aprender a controlar ~~o~~ a si mesmo". A ganância está sempre na origem das guerras.

Blatner



EXTERNATO MADRE ALIX

Nome Ana Paula Vasconcelos Chinelli

Data _____ Classe 8ª B Nº 4

Materia de História

Texto 4

FILME

Johnny vai à guerra (1971)

questão. Faça uma avaliação do prejuízo humano e materiais da Primeira Guerra Mundial.

segundo o filme e o texto, os prejuízos humanos não foram só números. Foram pessoas, famílias e amigos que sobreviveram e muitas vezes preferiam a morte do que a dor. O filme fala de um rapaz que se foi na guerra e é levado para o hospital. Está um rato e por facilidade cortaram-lhe as pernas e os braços. Passou a ser um homem de experiência de um general que não o respeitava. Não respeitava aquele "pedaço de homem" que, como o filme mesmo mostra, tinha dor, sentimento e vontade e não era um pedaço de carne sem braços e pernas como consideraram-no durante o filme, ele se lembra de várias partes de sua vida com seu pai, mãe, etc... e passa como a guerra exterminou sonhos e esperanças ilusões uma passagem, o filme mostra que lugares onde não houve guerra faltavam homens jovens, muitas vezes que tinham abandonado suas famílias mas não podiam voltar e refazer-las. Quando voltaram, se voltaram, já estava muita coisa mudada as pessoas estavam mais velhas e muitas vezes sem pedaços de seu corpo e sem dúvida, com o estado mental alterado. Quanto a dados numéricos, a Grã-Bretanha perdeu 680 mil jovens, a França 1,3 milhões e a Alemanha 1,7 milhões segundo o filme, morreram mais de 80 milhões de pessoas e 150 milhões saíram mutilados ou estão desfiguradas. Quanto aos prejuízos materiais, nem o filme nem o texto comentam mas são imensos e lamentáveis.

Este trabalho partiu da interferência do aluno Daniel Amaral, 8ª série B do Externato Madre Alix. Os trabalhos aqui apresentados são das alunas: Ester Vasconcelos de Camargo - 8ª A, Ana Paula V. Chinelli - 8ª B.